

CHEEEI
DE SAPA
TÃO

GRASIELLY SOUSA

CHEEEI DE SAPATÃO:
IMAGENS DA SOCIABILIDADE
LÉSBICA EM FORTALEZA

GRASIELLY SOUSA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2019.1
CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA

DIRETOR DO ICA
SANDRO THOMAZ GOUVEIA

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO
ISMAR CAPISTRANO

TEXTO
GRASIELLY SOUSA

FOTOGRAFIA
GRASIELLY SOUSA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
GRASIELLY SOUSA

REVISÃO
RAIANE RIBEIRO E ROBSON BRAGA

ORIENTAÇÃO
ROBSON BRAGA

SUMÁRIO

08

INTRODUÇÃO

10

UNIDADE 1
VEM, MARIANA!

30

UNIDADE 2
PISCINA NO MEIO

64

UNIDADE 3
NAQUELA ÉPOCA QUE
A GENTE ANDAVA

82

LUGARES

84

AGRADECIMENTOS

Conhecer o Varandão da Vila, em Fortaleza, foi um grande evento. Convidei algumas amigas para me acompanhar. Todas queriam ir àquele lugar que prometia ser cheio de sapatão. Essa fama surgiu em 2016, quando um áudio viralizado pelo WhatsApp mostrou Danúbia Pinheiro convidando a amiga Mariana para conhecer o local.

A promessa era de cerveja a 8 reais, forró e uma “piscina no meio”. E, claro, o mais atraente: o lugar é “cheeei de sapatão”. O Varandão fica ali na Avenida Osório de Paiva, passa o Frotinha da Parangaba e lá na frente entra à direita, descreve Danúbia no célebre áudio. Basta dar Google para ouvir. Em uma tarde de domingo, fizemos um rápido trajeto do terminal de ônibus do bairro Antônio Bezerra ao terminal do Siqueira; sem trânsito. Chegamos cedo: às 16h30, já estávamos lá — basicamente abrimos o bar.

Os clientes chegaram aos poucos. O número foi aumentando conforme o céu escurecia e a música tocava. O público tímido foi mudando de face. As preocupações pareciam ficar do lado de fora e a única coisa permitida no local era relaxar e curtir o bom e velho forró.

A promessa foi cumprida. O forró durou a noite inteira. As danças se misturam e, mesmo debaixo de chuva, a noite não perdeu fôlego. Ali estavam mulheres de todos os tipos; a maioria de-

las perseguia um objetivo em comum: a liberdade, abertamente, ser quem são. Sem julgamentos.

Há quatro anos, deixei o Rio de Janeiro, cidade onde nasci e cresci. Em 2015, cheguei a Fortaleza sem saber o que esperar. Estava cheia de inseguranças e de incertezas sobre meu futuro, sobre esse local completamente diferente e distante do que eu conhecia. Não demorou para eu entrar em uma uma bolha universitária progressista.

Por muito tempo, permaneci ali, protegida e desconectada do restante da cidade. Ao mesmo tempo, mantive uma curiosidade sobre “o outro lado”. Essa inquietação me levou ao tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste livro, exploro Fortaleza sob o ponto de vista de mulheres lésbicas que para mim, até então, pareciam não ter espaço na cidade.

Busquei conhecer a sociabilidade de um grupo marginalizado pela sociedade. Muitas vezes, essas pessoas vivem em “guetos”, procurando a liberdade de existir sem as censuras, implícitas ou explícitas, às quais são expostas durante o dia a dia.

Este é apenas um pequeno retrato de um universo muito maior. Aqui, minha própria história, enquanto exploradora desta cidade cada vez menos desconhecida, mistura-se com as histórias de tantas outras mulheres que construíram e que constroem, constantemente, esses espaços.

I N T R O D U Ç Ã O



UNID ADE 1

VEM, MARIANA!

Sexta-feira. Bater o ponto no fim do expediente ou deixar a sala de aula indica que o fim de semana está prestes a começar. Relaxar tem muitos significados. Alguns preferem correr para o aconchego de casa, deitar desocupadamente, assistir a um filme, pedir comida por delivery. Outros encontram conforto na agitação noturna da cidade, em estar no meio de gente. Inúmeros lugares podem ser explorados: boates, bares, cinema, restaurantes. Todos de portas abertas.

Além de decidir a programação, escolher o local também depende de inúmeros fatores, como localidade, valores, público, atração. O conjunto desses fatores fazem cada ambiente ter um público-alvo diferente. A segregação do público parece acontecer principalmente por estrato socioeconômico e faixa etária, mas sexualidade também é definidora desses recortes.

Alguns pontos da cidade são conhecidos por atrair o público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros). Os bares do bairro Benfica e as boates ao redor do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura são exemplos populares. Apesar do público misto, na área do Dragão do Mar, é perceptível que a maioria das festas voltadas ao público LGBT tem como público-alvo homens gays.

Isto segundo uma pesquisa de mestrado em

gestão de negócios turísticos na Universidade Estadual do Ceará (UECE) realizada em 2015 por Fernanda Rilna Fonteles Nascimento. O levantamento, que inclui a região do Dragão do Mar e pontos do Centro, aponta para uma maior presença de homens gays nos lugares que oferecem opções de lazer para LGBTs em Fortaleza em relação às lésbicas.

Será que não existem lugares em Fortaleza que priorizem o público lésbico? Para algumas pessoas, pode parecer desnecessária essa separação espacial entre grupos LGBTs e heterossexuais. Pode parecer uma forma de afastar ainda mais o grupo da sociedade, de modo geral.

Ao mesmo tempo, esses ambientes têm uma importância sócio-cultural para essas mulheres. Para muitas, esses lugares fizeram e fazem elas descobrirem sua própria identidade. São refúgios, ambientes onde elas podem agir naturalmente, livres de julgamentos relacionados à sexualidade, que muitas vezes enfrentam na cidade em geral.

Mais recentemente, em junho de 2018, um casal de mulheres sofreu um ataque lesbofóbico e racista na Praia de Iracema, com tentativa de linchamento contra as duas. E este não é um caso isolado. Uma rápida pesquisa traz outros casos parecidos com este na cidade de Fortaleza.

Para pessoas que procuram ambientes de ni-



cho, com um público-alvo lésbico, infelizmente, a oferta é pouca. Entre as pessoas entrevistadas para este trabalho, principalmente em um público mais jovem, até os 25 anos, a maioria nunca tinha ido a um local que tivesse mulheres lésbicas como público-alvo. As saídas são normalmente para lugares mistos.

Mariana*, de 26 anos, é frequentadora assídua das boates da região do Dragão do Mar. “Estava sempre no At Home (disco na Varjota, atualmente fechada); hoje em dia, vou muito para o Órbita, Level e Haus (as três no entorno do Centro Dragão do Mar)”.

Independentemente de local, sexualidade, idade ou condição financeira, as pessoas buscam um local agradável para curtir os momentos de lazer. As conversas, os flertes, os olhares que se cruzam.

> AS NOVINHAS

A rotina nunca é a mesma. O grupo autointitulado “As Novinhas” é formado por três casais de mulheres lésbicas. Regina, Sherlane, Valdenia, Regiane, Flávia e Maria Sheila se reúnem quase todo final de semana para explorar a cidade, sempre procurando novos ambientes, mas curtindo os que já viraram tradição.

A amizade foi iniciada há mais de dez anos. Algumas se conhecem há mais tempo: Sherlane e Regiane foram as precursoras do grupo. As duas se conheceram jogando bola. Casualmente, o grupo e os casais foram se formando.

Meu primeiro contato com As Novinhas foi no bar Damas de Paus, no bairro Vila Peri. O bar

é um dos poucos na cidade que têm como público-alvo mulheres lésbicas. Com uma câmera pendurada no pescoço, eu não passei despercebida pelo grupo. Uma das meninas acenou para mim: “Você pode tirar uma foto nossa?”. Esse foi o convite do qual eu precisava para conhecer a história delas.

Os três casais não frequentam apenas lugares LGBT: “Vamos a vários locais diferentes, gostamos muito de conhecer. Às vezes, deixamos para ir no Damas como fim de festa, pois lá fica aberto até 4 da manhã”, conta Sherlane.

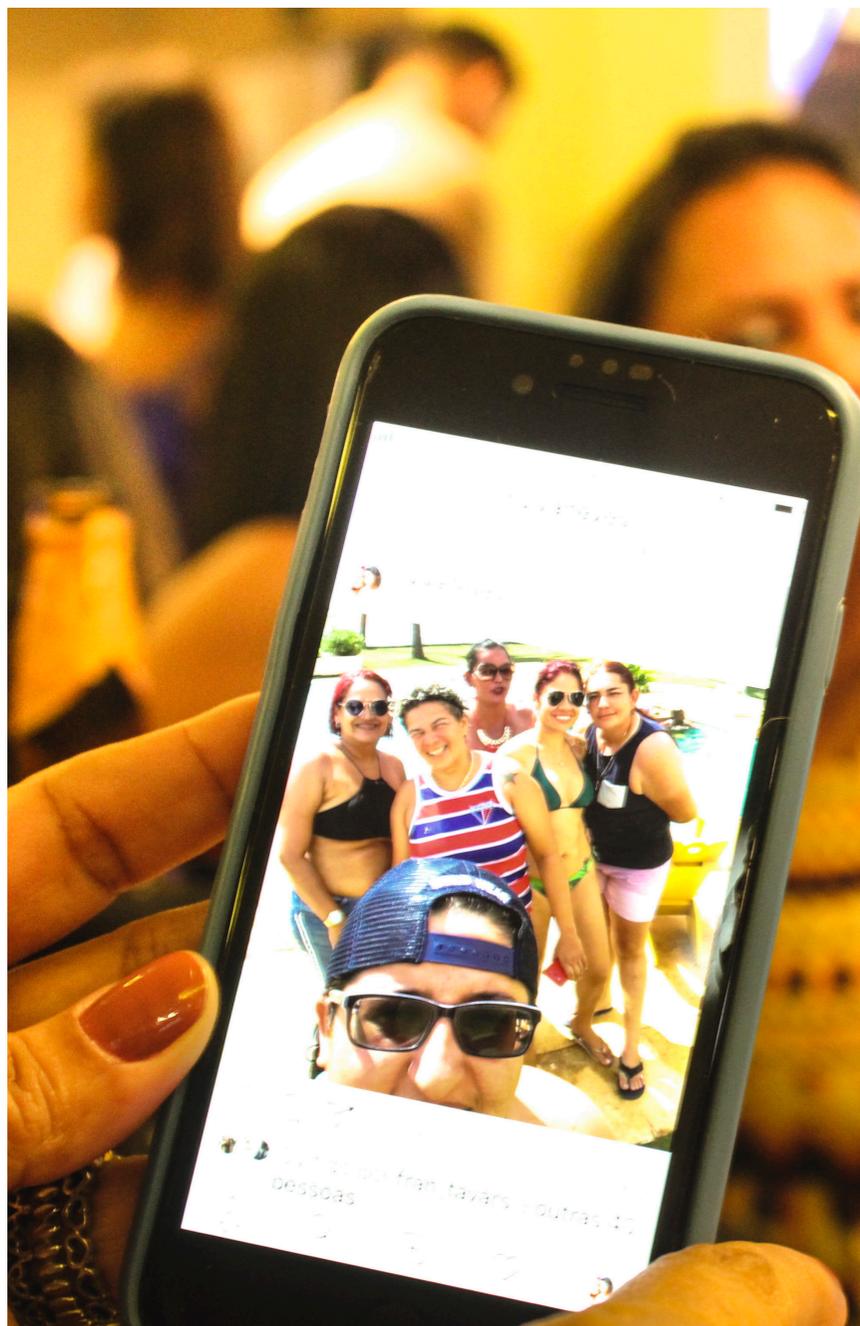
Mesmo em locais que não tem como público-alvo mulheres lésbicas, as Novinhas não se intimidam. As discretas demonstrações de carinho se fazem presentes. Os olhares, o braço ao redor da companheira, um sorriso tímido. A conversa só é pausada quando é hora de posar para fotos: as selfies fazem parte da programação da noite.

Em uma das vezes em que saí com o grupo, Regina me puxou para mostrar suas fotos no Instagram. As seis sempre juntas, às vezes rodeadas de outros amigos. Bebendo, divertindo-se, viajando, no Varandão, no Damas. Os registros das aventuras do grupo mostram viagens, almoços e várias saídas noturnas.

Apesar de o grupo aproveitar a cidade como um todo, lugares como o Damas e o Varandão trazem sensação de liberdade, de poder agir naturalmente. “Eu amo lugares lésbicos, pois me sinto mais à vontade. Apesar de não me incomodar em lugares ‘heteros’, vamos sempre conhecer novos locais, mas, no final, acabamos mesmo nos LGBTs”, confirma Regina.



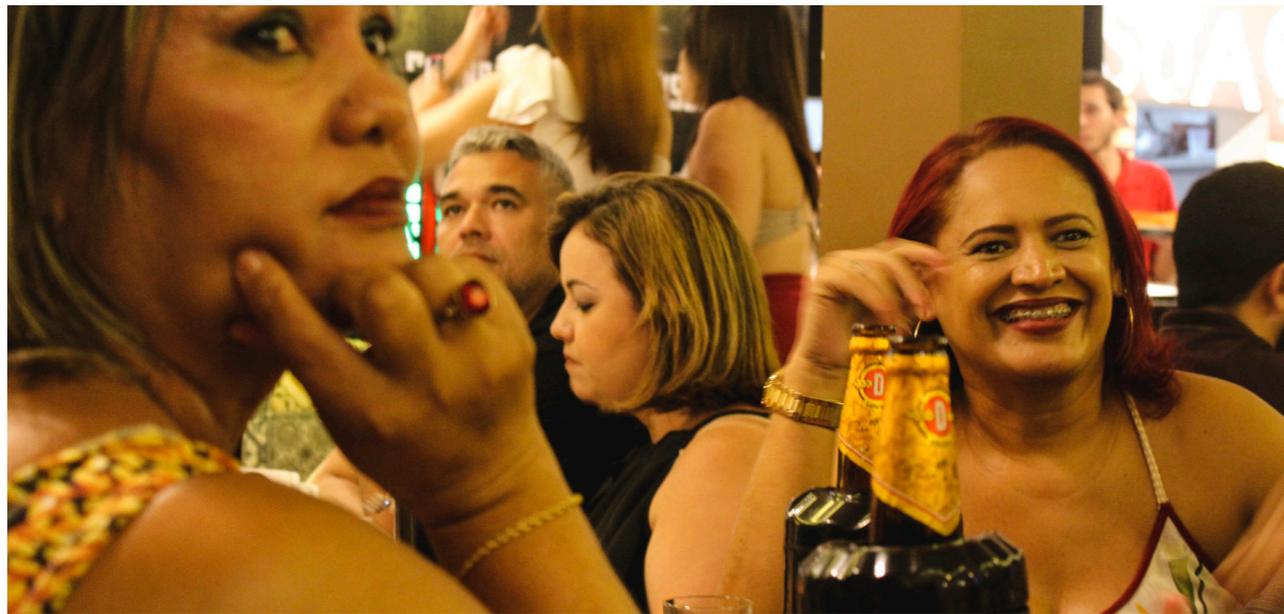
Grupo “As Novinhas” se reúne no bar Damas de Paus, no bairro Vila Peri



As Novinhas no bar
Chá da Égua. O local,
segundo os donos, tem
uma maior presença do
público heterossexual.

Regina me mostra as
fotos do seu perfil no
Instagram







> BUSCA POR LUGARES

Kamilla Suellen, 24 anos, vive uma busca mais solitária. Andando com grupo mais misto, entre gays, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, a relação com a cidade é diferente. A moradora de Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza, procura nos bares da capital um lugar de aceitação e liberdade. O bairro Benfica é o mais visitado. “Astrologic é o que mais frequento. Também tem o Republik, o Cine’s Bar”, conta.

Esses locais transmitem uma sensação de conforto, principalmente pelas experiências negativas pelas quais Kamilla já passou em outros lugares: “Me sinto mais confortável nesses lugares. Já frequentei lugares ‘héteros’ e fui assediada, julgada e não tive boas experiências. Era mais uma coisa de mostrar imagem e estar com tudo direitinho do que me divertir. Até as mulheres desses lugares me faziam me sentir mal, por conta dos olhares que davam”.

Hoje em dia, ela evita esse tipo de estresse e procura ambientes onde sabe que será bem recebida: “Só vou para onde me sinto confortável, já que o público é mais tolerante e de pessoas mais simples, que realmente estão lá pra se divertir”, completa.

Visitar lugares como o Varandão da Vila já passou pela cabeça de Kamilla, mas a distância causa o adiamento da visita. “Conheço alguns locais de público lésbico, porém, como são longe, não costumo frequentar. Até indico aos meus amigos, mas sempre acabamos nos mais pertinho”, explica.

Apesar de ter um grupo grande de amigos, os homens gays se tornaram seus amigos mais próximos. Ela afirma que sente falta de ter mais amigas lésbicas, mas é com os amigos gays que ela se sente mais confortável. Essas amizades fazem ela conseguir explorar e entender melhor a sua sexualidade.

> MÚSICA AO VIVO

A música ao vivo é obrigatória. Um forrózinho ou um sambinha, dançar agarradinho, ou até mesmo sozinho. Não existe julgamento – talvez, esse seja o ponto mais importante para a existência desses espaços.

Algumas se demonstram mais tímidas, sentadas em cadeiras, apenas curtindo a música, balançando um pouco a cabeça, acompanhando o ritmo com o pé. Outras procuram espaço para conseguir tirar uns passos de dança. Ambientes maiores, outros bem apertados, cheios de mesas, mas não tem diferença. Quando a música começa a tocar, todos os corpos se misturam acompanhando o ritmo.

As músicas se repetem, mas cumprem o seu objetivo. Em meio a pedidos, amigas das bandas gritam pelo nome das cantoras e pedem do novo hit do verão ao forró das antigas. Todos os pedidos são bem-vindos. Com um sorriso no rosto e um microfone na mão, a música começa.

O ambiente deixa de ser apenas mais um bar: trata-se de um refúgio. Um local sagrado, com histórias de luta e de resistência, cheio de histórias tristes e felizes, de autoconhecimento.









UNID
ADE
2

PISCINA NO MEIO

Você conhece lugares em Fortaleza maioritariamente frequentados por mulheres lésbicas? Essa pergunta foi repetida durante todo o processo de produção deste livro. Busquei lugares com grande presença do público lésbico. Como resposta, as entrevistadas — principalmente as que tinham até 30 anos de idade — apontaram locais frequentados por LGBTs em geral e ambientes gay-friendly, como os estabelecimentos no bairro Benfica e os bares Teresa e Jorge (na Praia de Iracema) e Bolacha Mágica (no bairro Dionísio Torres). No geral, dos dezesseis lugares citados, a maioria tem público misto.

Os lugares que têm maior presença de mulheres lésbicas acabam sendo frequentados por um público mais velho. Além da idade, um diferencial é a localização. “Hoje em dia, existem pouquíssimos lugares só para mulheres, o público é muito misto. Para lésbicas mesmo, é mais na periferia”. A fala é de Danúbia Pinheiro, conhecida pelo áudio “Vem, Mariana”, que acabou por tornar o bar Varandão da Vila bastante conhecido em Fortaleza em 2016.

Três estabelecimentos se destacam pela grande presença de lésbicas, sendo o público quase absoluto desses espaços: Varandão da Vila, Damas de Paus e Canto do Babado. Os dois primeiros

se localizam na Vila Peri e o terceiro, no bairro Carlitos Pamplona. Alguns lugares, como a Barraca do Joca e a Cabumba, na Beira-Mar e Praia do Futuro, respectivamente, são declaradamente LGBT, com grande presença de mulheres, mas com a maioria do público sendo homens gays.

Embora não sejam voltados especificamente para esse grupo, certos locais atraem o público lésbico. O motivo é bem simples: entretenimento. Talvez, até fidelidade. Turmas de mulheres seguem bandas de música que costumam tocar em ambientes LGBTs. Então, se a atração se dirige a lugares “neutros”, as fãs lésbicas garantem a lotação do local.

> VARANDÃO DA VILA

“O Varandão fica ali direto na Osório de Paiva, passando o Frotinha da Parangaba, um pouquinho.” Em 2016, a consultora de vendas Danúbia Pinheiro decidiu enviar áudio pelo WhatsApp com detalhes sobre localização e estrutura do Varandão da Vila, na tentativa de convencer a amiga Mariana a conhecer o bar. O ambiente prometia ter cerveja gelada e ser “cheeei de sapatão”. Danúbia nem imaginava as proporções que isso to-





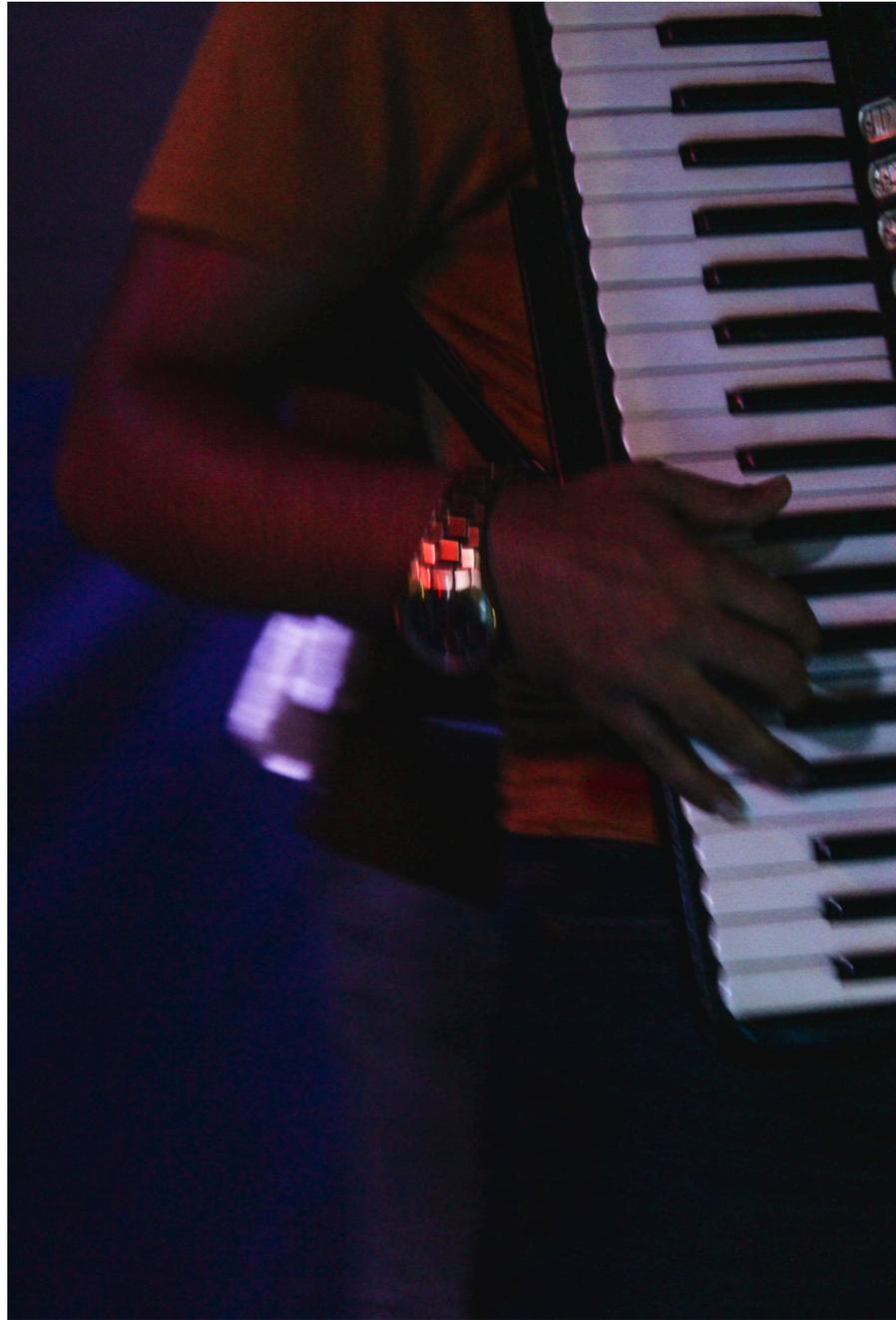
maria.

Em poucos dias, o áudio viralizou e ganhou uma versão em vídeo na internet. Muita gente foi convencida a conhecer aquele bar. Patrícia Ribeiro e Danielle Rodrigues inauguraram o Varandão em 2011, na Avenida Osório de Paiva, no bairro Vila Peri. Logo, o espaço se tornou insuficiente e as sócias expandiram a propriedade delas.

Como complemento à cerveja gelada, veio a música ao vivo e a piscina — protegida por uma rede. Era o necessário para tornar o local o que ele é hoje. Durante a semana, a energia é bem diferente: a cerveja gelada e os petiscos são servidos em meio à tranquilidade. No domingo, muda a entrada, pela Rua Abel Ribeiro, dando espaço a um palco e uma grande estrutura.

Hoje, o Varandão é um dos principais pontos de sociabilidade lésbica em Fortaleza. Mas não foi sempre “cheio de sapatão”, como diz Danúbia. Segundo Patrícia, desde a inauguração, o local atraía diversos grupos, incluindo o público LGBT. Mas dois fatores contribuíram para essa expansão de público lésbico: a cantora lésbica Lidiane Vaz, presença garantida em todos os domingos; e o áudio “Vem, Mariana”.

Lidiane levou consigo para o Varandão um público fiel. Em todos os shows, a audiência grita o nome dela, interage, pede músicas e tira selfies. Depois da viralização do áudio na internet, Danúbia começou a fazer festas no Varandão, na condição de promotor. A festa deixou de existir, mas Danúbia permanece frequentadora assídua e continua recomendando o bar.





> DAMAS DE PAUS

A poucos metros de distância do Varandão, encontra-se outro refúgio para as mulheres. Na primeira visita ao Damas de Paus, em um sábado, cheguei por volta das 23h e a sensação era de que a festa estava só começando. Após meia-noite, Beth Rodrigues, uma figura clássica e apontada como a pioneira do cenário lésbico em Fortaleza, sobe ao palco. A atração principal leva o público à loucura.

O bar está lotado de mulheres. Essa noite não é uma exceção: em todos os finais de semana, elas são a maioria. Dividem-se em casais, pessoas em busca de paquera e outras que só querem curtir o ambiente e a boa música. Os únicos homens que visualizo são um tecladista, acompanhando as canções de Beth; e um funcionário na entrada.

O Damas de Paus, caçula entre os bares desta lista, funciona de quarta a domingo. Fica na mesma avenida do Varandão da Vila, tem uma estrutura menor, mas um público fervoroso. Alessandra Moreira inaugurou o estabelecimento há dois anos e meio. “A princípio, queria fazer algo diferente dos bares que já existiam. O nome, bem sugestivo, começou a atrair um público lésbico”.

Com presença predominante de mulheres lésbicas, ela decidiu aproveitar a oportunidade: moldou o ambiente e investiu nesse público. Eventos como “Dia das Namoradas”, “Mulheres Coloridas” e o repetido comparecimento na Parada LGBT mostram a preocupação com o público que abraçou o Damas.





> CANTO DO BABADO

Indicação de Beth Rodrigues, presença garantida aos domingos, o Canto do Babado foi um achado. A história dele começou há sete anos, quando Nenê Gomes vendia sanduíches em um trailer. Durante uma conversa informal, em uma noite de domingo, nos intervalos de atendimento de mesas, Nenê contou que, ao passar em frente ao espaço vazio, pensava em fazer algo.

De início, a ideia parecia um sonho distante. Mesmo após montar o trailer, achava graça quando alguém sugeria abrir um bar, fazer algo maior. Aos poucos, a ideia cresceu. Apesar das dificuldades diárias, principalmente pela inconstância de público, Nenê segue o sonho. Às vezes, não dá para pagar a atração musical; às vezes, “bomba” e a esquina entre as ruas Vicente Sabóia e Engenheiro João Nogueira fica lotada.

O público lésbico foi inevitável. As atrações

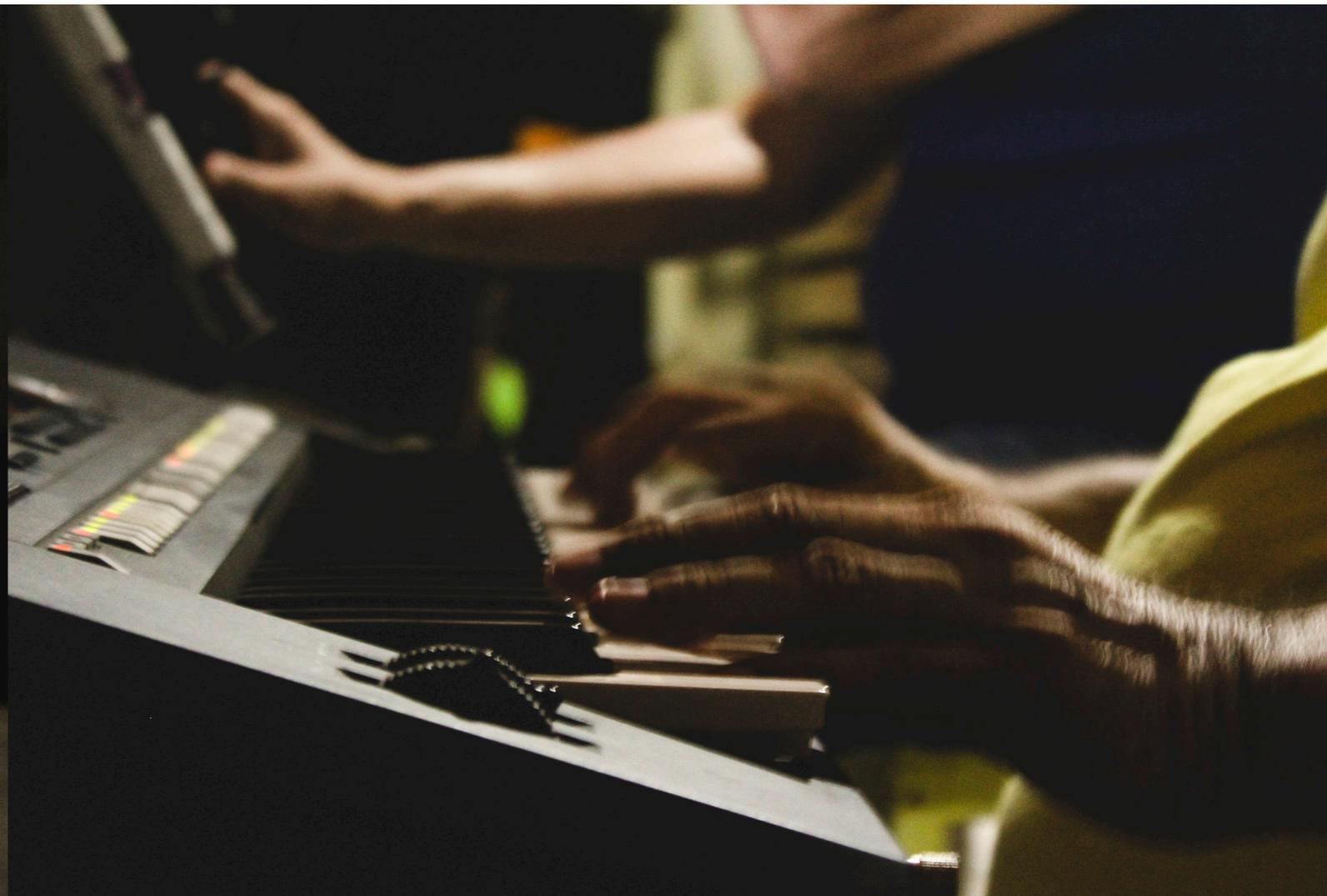
carregam na bagagem seu próprio público e, segundo Nenê, muita gente conhece o Canto do Babado pelo boca-a-boca. A proprietária também utiliza redes sociais, principalmente o aplicativo WhatsApp, para atrair ainda mais gente — eu já entrei na lista para receber as mensagens informando a atração do dia.

Segundo Nenê, esses poucos lugares na cidade têm grande importância para as mulheres lésbicas. “Serve muito para se encontrar, ficar mais à vontade. Eu acredito que ainda não é legal em todos os lugares. Um ambiente desses torna mais tranquilo as pessoas se divertirem, baterem um papo, sem preocupação”.

Apesar do local ser para “entendidas”, como Nenê se refere a mulheres lésbicas, acaba atraindo um público diverso. “Vem muita família pra cá, busco manter o lugar tranquilo, sem confusão. E, graças a Deus, estamos indo bem”, comenta.

Show da Beth Rodrigues no Canto do Babado. A cantora é atração cativa no local.







> CANTINHO ACADÊMICO

O Cantinho Acadêmico, um dos lugares mais conhecidos no bairro Benfica, foi citado por diversas entrevistadas nessa pesquisa. No entorno do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), o local é bastante frequentado por alunos e professores universitários.

Como outros bares no bairro, o Cantinho Acadêmico se encaixa na categoria gay-friendly, com portas abertas para todos. Também entra na categoria de bares que estão propícios à grande presença de lésbicas pelas atrações musicais. Algumas bandas e cantoras atraem um público fiel, que acompanha os shows em vários pontos da cidade.

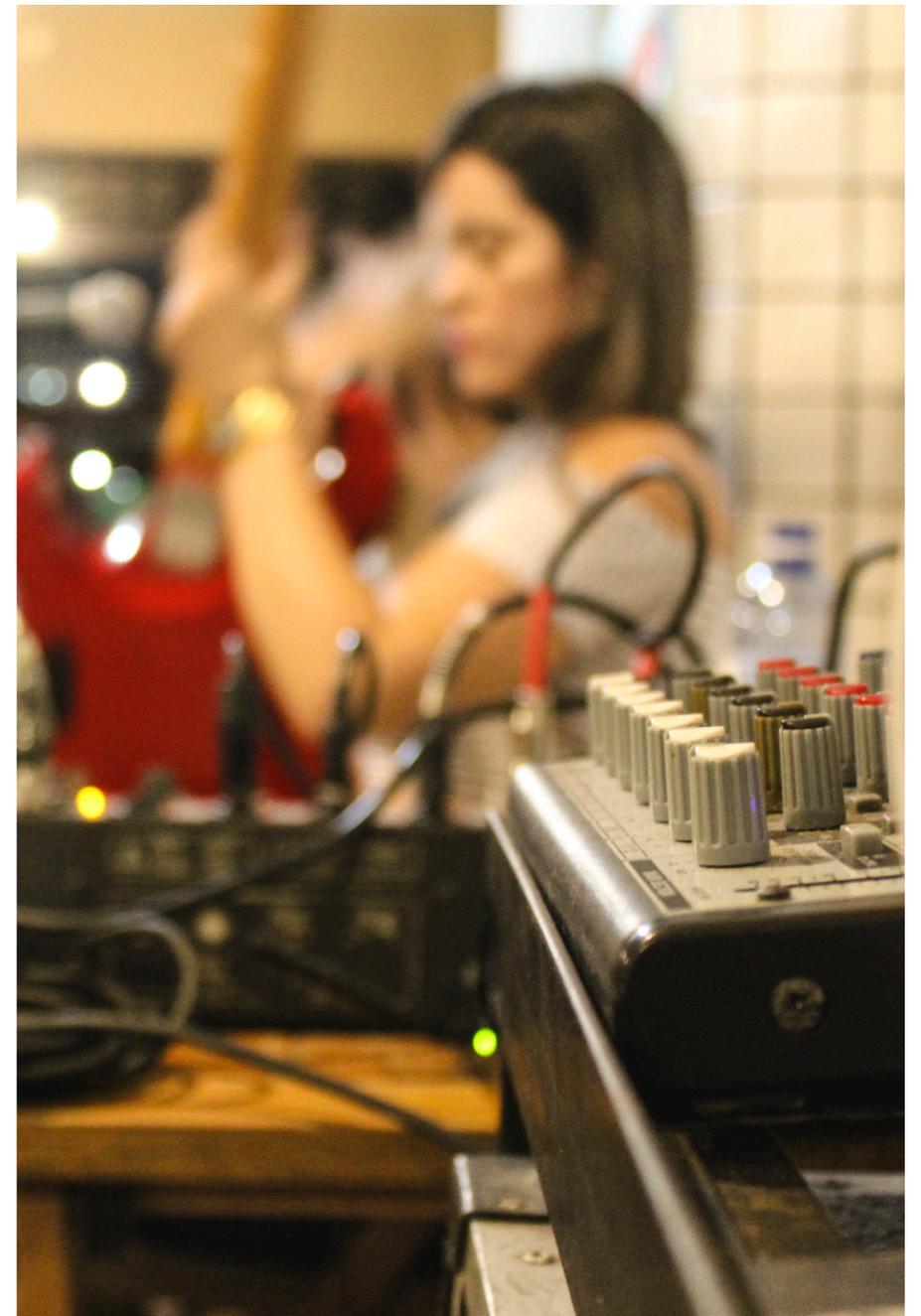
Essa movimentação expande a sociabilidade desse grupo, em vez de limitar a lugares específicos. Beth e Lidiane, citadas anteriormente, e bandas como a Borogodó e a Meninas da Vila são exemplos disso. Em um sábado, fui ao Cantinho Acadêmico ver se esse movimento migratório realmente existe. E, pela primeira vez, encontrei o Cantinho cheio de lésbicas. A música não tinha começado ainda e o público já estava lá.

Rafaelle Sousa, percussionista da banda Meninas da Vila, conta que a banda começou há 8 anos, meio que por brincadeira. “Começamos tocando no bar do Feitosa, no Benfica. Na época, nossas amigas eram que iam para os shows. Como todas as meninas da banda são lésbicas, isso também ajuda a chamar o público”. Hoje o público cresceu, mas continua composto predominantemente por mulheres lésbicas. A banda estima que o público lésbico chega a 80% nos seus shows.

Esta história se repete com a Borogodó, também criada 8 anos atrás. De início, o público era formado por amigas das integrantes. Carolina Duarte, membro da banda, compartilha que, naturalmente, elas fizeram amizades com o público cativo dos shows. “Muitas vêm falar pelas redes sociais, outras conhecemos nos shows. Muitas meninas acompanham sempre”.

Show da banda
Meninas da Vila no
Cantinho
Acadêmico







> BOLACHA MÁGICA

Aberto em 2013, no bairro Passaré, o Bolacha Mágica foi citado por mulheres antes mesmo dessa pesquisa começar. Lílian Falcão, dona do Bolacha, conta ter criado o lugar para ser um ambiente livre de preconceitos: o objetivo era atrair todos os públicos. O público lésbico existe, mas não é maioria.

Antes de chegar ao endereço atual, o bar passou por outros dois endereços e a mudança de público foi algo inevitável. No Benfica, por exemplo, Lílian afirma que a maioria dos clientes eram universitários. Com o tempo, o rumo seguiu diferente do esperado pela dona.

A constante realização de shows e festas com DJs fez o Bolacha se distanciar da ideia inicial de tranquilidade. “Por isso, veio a decisão de mudar. No novo ambiente, tem um clima mais tranquilo; quando tem música, é só com violão.” Lílian também conta que o novo endereço passou a atrair um público mais velho.

O Bolacha investe no clima do local. Com decoração retrô, o ambiente é aconchegante: procura ser uma extensão da cama dos visitantes. Na primeira visita ao Bolacha Mágica, visualizei um ambiente sem grande presença de lésbicas.

Nas duas visitas seguintes, o Bolacha contava com uma clientela quase 100% feminina, incluindo grupos de mulheres lésbicas. O fator era fácil de identificar: transmissão da Copa de Futebol Feminino. As telespectadoras, frequentadoras assíduas do Bolacha, compareceram em peso ao evento para prestigiar a seleção brasileira.

> BABILÔNIA

A festa no motel Babilônia começou em 2007 e durou até 2018. O local ficava na Avenida Francisco Sá, na Barra do Ceará. Por 11 anos, esse foi o principal evento para mulheres lésbicas em Fortaleza. Idealizada pela cantora Beth Rodrigues, a festa acontecia em um dos espaços do motel. O forró ficava por conta da idealizadora e de inúmeras atrações, como Banda Líbanos, Forró na Veia, Markinhos Moura e Cláudia Barroso.

Aos 56 anos, Beth é considerada uma das pioneiras da cena lésbica na cidade. Ao longo desses 30 anos de carreira, a cantora conheceu vários lugares e histórias. O começo foi traçado na Barraca Bola Branca, na Praia do Futuro. Aos poucos, o público LGBT começou a segui-la, principalmente as mulheres.

“Muita gente ainda fala comigo, conta muita história do Babilônia. Foram 11 anos de festa, muita coisa boa”, explica Beth. Lotado de “entendidas”, tudo era motivo de agitação: jogo de futebol, Natal, fim de ano.

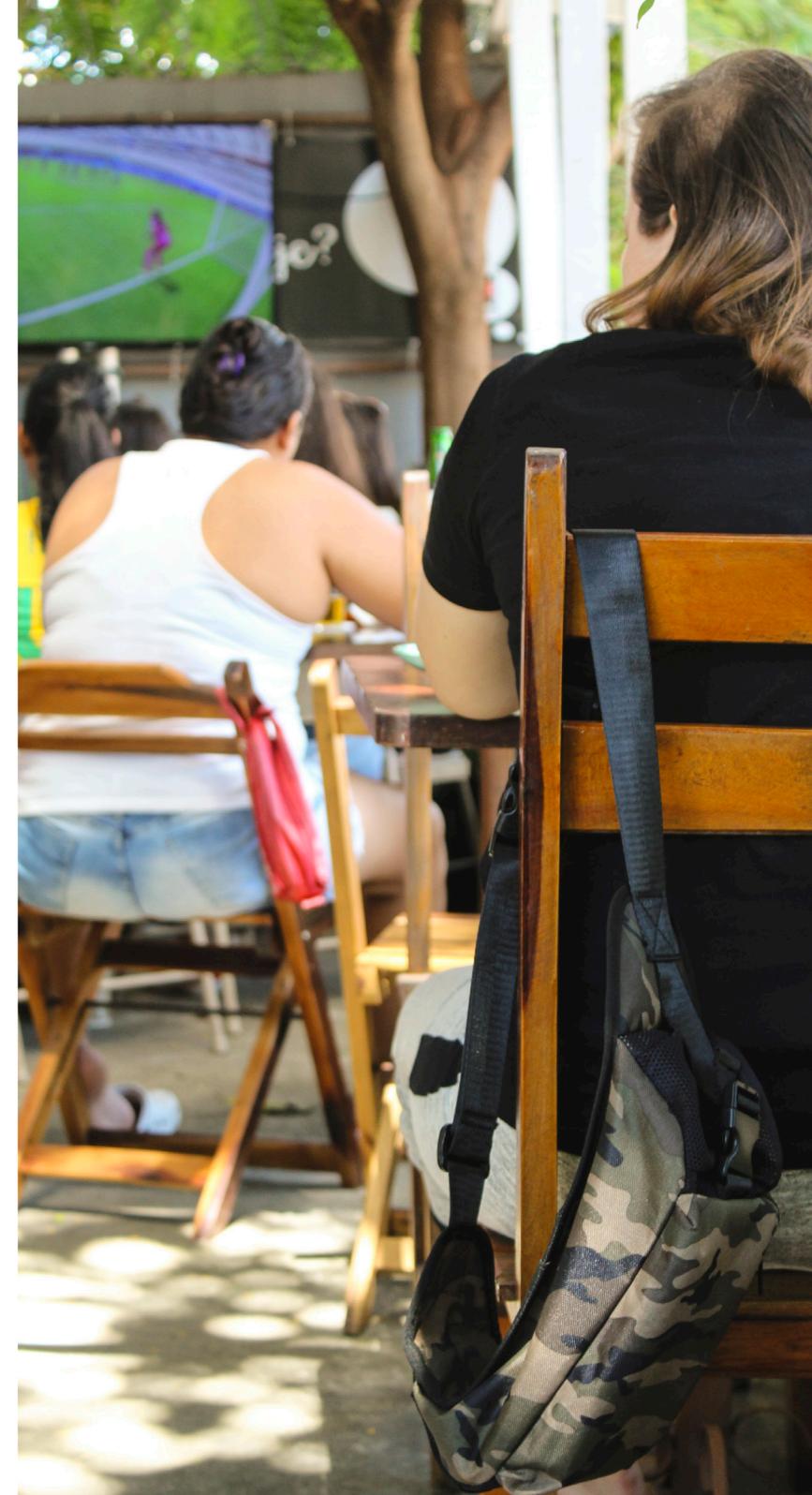
Antes mesmo de iniciar a carreira de cantora, Beth frequentava estabelecimentos cujo público era LGBT. Na Avenida Tristão Gonçalves, no Centro, existiam clubes e bares assim. Os Duques e Barões, Divine, Bora Bora e Banana Beach são alguns dos mais antigos na cidade.

Nenê Gomes, dona do Canto do Babado, conta que esses ambientes foram perdendo espaço na cidade. “A tendência era melhorar, mas piorou. Sempre tinha Polícia, aí acabaram os lugares de ‘entendidos’. Às vezes, o público diminuía e os lu-

gares faliam”.

Informações sobre esses lugares são difíceis de achar, mesmo na internet. Não existe um histórico que registre essa parte da história do Ceará — pelo menos não de fácil acesso. Hoje, esses ambientes vivem nas memórias de quem conheceu e construiu suas próprias histórias nesses ambientes.

Grupo de mulheres assistindo à estreia da Seleção Feminina de Futebol na Copa do Mundo 2019 no Bolacha Mágica











UNID
ADE
3

NAQUELA ÉPOCA QUE A GENTE ANDAVA

A ligação com a cidade é algo bastante pessoal, que varia conforme as vivências e experiências de cada um. Algumas vezes, temos uma relação de amor e ódio, de dependência, de querer sair correndo. Algumas pessoas não pensam muito sobre essa relação, mas sempre existe algum tipo de sentimento pelo local.

Alguns grupos, como negros, mulheres e gays, são marginalizados pela sociedade e isso faz com que as vivências e oportunidades sejam diferentes. Fortaleza está de portas abertas para todos, mas, ao mesmo tempo, casos de preconceito e crimes de ódio se alastram pela cidade.

Em 2017, o Ceará foi o quarto estado do Brasil que mais matou gays, travestis e transexuais. Segundo o Grupo Gay da Bahia, 30 pessoas da comunidade LGBT foram assassinadas por homofobia, incluindo o caso da travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, que foi agredida até a morte em Fortaleza. Em 2018, o número de casos no Estado diminuiu, sendo registrados 23, porém ainda é um número alarmante.

Além desses casos mais extremos, todos os dias essas pessoas precisam encarar olhares diferentes, frases ofensivas, pessoas que acham que têm total direito de julgar ou reclamar da vida do outro apenas por estar em uma posição social

superior. Esses fatores fragilizam a relação com a cidade.

Thifane Lima, militante lésbica e membro do coletivo Gueto Queen do bairro Bom Jardim, afirma que essa situação é causada pelo preconceito e machismo que ainda está preso na sociedade. “O problema é o fato das pessoas acharem que pode violar os nossos direitos por simplesmente sermos diferentes delas”. Ela completa: “Para que isso seja melhorado, é muito complexo. Primeiramente, tem que começar pela educação, que tende a não falar de igualdade de gênero, de sexualidade e vários outros assuntos que são importantes para todos nós”.

> PARADA PELA DIVERSIDADE SEXUAL DO CEARÁ

A Parada pela Diversidade Sexual do Ceará chegou à sua 20ª edição em 2019. Neste ano, o evento vem com o tema “Topo qualquer parada! O medo não nos cabe”. A parada celebrou os 50 anos da revolta de Stonewall, marcada por uma série de protestos contra a repressão policial à comunidade gay em Nova York; e os 30 anos de existência do Grupo de Resistência Asa Branca





(Grab) no Ceará, um dos grupos organizadores do evento.

Para Thifane, a parada é uma forma de mostrar a luta pela sobrevivência da comunidade LGBT. “É importante para mostrar que estamos aqui, estamos resistindo, mesmo muitos de nós sendo mortos. Eu vejo o evento como uma forma de mostrar que existimos e que vamos continuar lutando por nossas vidas, lutando pelos nossos direitos”, afirma.

O evento atrai todos os anos milhares de pessoas para a Avenida Beira-Mar, um dos pontos turísticos da capital cearense. Apesar do clima de festa e celebração, o evento também é uma forma de resistência e luta, levando as pessoas da comunidade LGBT a se expressarem de forma livre nas ruas da cidade e ocupando esses espaços.

Esta foi a primeira vez que o casal Bianca Souza, 23 anos, e Brena Alves, 29, participou da Parada. Para Bianca, o evento é um símbolo de resistência e representatividade. Mas, mesmo no evento com o tema “O medo não nos cabe”, o casal afirma que anda sempre com medo de ser discriminada. “Mesmo aqui na Parada, a gente vem com medo. Tem muitos olhares negativos de fora”, afirma Bianca.

As amigas Gilmara, 30, Gilmene, 34, Maria Jaqueline, 29, e Darlene, 25, também foram para a Parada pela primeira vez este ano. Para elas, o evento é uma forma de apoiar a diversidade e o respeito. “Nós queríamos que o respeito e o amor fossem disseminados. Cada um toma conta da sua vida e isso é fundamental, estarmos aqui em um momento como esse para prestigiar o amor, o

respeito, a alegria”, afirma Jaqueline.

Sobre a cidade de Fortaleza, o grupo conclui que ainda existe muito preconceito aqui. Segundo Gilmara, “Existe um discurso de que a cidade é inclusiva, mas ainda falta muito amor”. Jaqueline completa: “Não que tenha que ter uma diferença entre locais ‘héteros’ e LGBT. Acho que todo espaço é de qualquer cidadão, independente da orientação sexual. Todo ser humano é o mesmo, então os ambientes deveriam respeitar todos”.

As estudantes Andressa Gonçalves, 21, e Raissa Oliveira, 18, já frequentam a Parada há alguns anos. O casal acredita que a Parada é um momento de honrar a luta da comunidade LGBT, mas também de celebrar a existência delas. “Nesse período tão obscuro que a gente enfrenta, é importante que a gente continue sendo abertamente quem a gente é, principalmente aqui. Ver um bando de viado e sapatão na frente desses brancos conservadores é a melhor coisa que podemos fazer. Precisamos botar a cara aqui mesmo, essa cidade é nossa também”, afirma Andressa.

Ela completa: “Os espaços LGBTs são pouco inclusivos. Têm seis anos que frequento essa cena em Fortaleza e vejo que são majoritariamente projetados para o público masculino gay. Existem pouquíssimos espaços lésbicos na cidade, mas não se comenta sobre eles”.

Raissa, que é uma mulher bissexual, afirma que ainda faltam ambientes na cidade com que ela se identifica. “Falta espaço para você poder sentir liberdade total. Mesmo em lugares que são para pessoas LGBTs, ainda tem o perigo da insegurança de Fortaleza, de você ser assediada”.

Bianca Souza e Brena Alves na Parada pela Diversidade Sexual





Gilmara, Gilmene, Jaqueline e Darlene na Parada pela Diversidade Sexual







Raíssa Oliveira e Andressa Golçalves na Parada
pela Diversidade Sexual





CICLISTA
Respeite a faixa
de pedestre
PEDESTRE
Não caminhe
pela ciclofaixa
CORREDOR
Mantenha-se
à direita

NO PASSEIO

40

I AM A QUEEN

LUGARES

Durante a produção desse livro foram mapeados dezesseis lugares de sociabilidade lésbica em Fortaleza. Entre esses lugares, alguns tem maior presença do público lésbico, outros do público gay masculino e alguns são tidos como *gay friendly*.

> **Teresa e Jorge**

Rua João Cordeiro, 540 - Centro

> **Varandão da Vila**

Av. Gen. Osório de Paiva, 1612 - Vila Peri

> **Canto do Babado**

Rua Vicente Sabóia, 67 - Carlito Pamplona

> **Bolacha Mágica**

Rua Osvaldo Cruz, 2897 - Dionísio Torres

> **Quintal do Céu Bar**

Av. Padre Antônio Tomás, 2322 - Aldeota

> **Serpentina Bar e Cultura**

Av. Heráclito Graça, 760 - Centro

> **Damas de Paus Bar e Petiscaria**

Av. Gen. Osório de Paiva, 1866 - Vila Peri

> **Barraca de Praia Cabumba**

Av Clovis Arrais Maia, 3911 - Praia do Futuro

> **Barraca do Joca**

Av. Beira Mar, 3101 B25A - Meireles

> **Cantinho Acadêmico**

Av. Treze de Maio, 2370 - Benfica

> **Astrologic Club Lounge**

Rua Senador Pompeu, 2235 A - José Bonifacio

> **Mambembe**

Rua dos Tabajaras, 368 - Centro

> **Fava's Bar e Petiscos**

Rua Barão de Aratanha, 1050 - Lj.11 - José Bonifacio

> **Boteco Vintage**

Rua Padre Minguelino, 1159 - Fátima

> **Órbita Bar**

Rua Dragão do Mar, 207 - Praia de Iracema

> **Boate Level**

Rua Dragão do Mar, 218 - Praia de Iracema

Entrei no mundo do jornalismo em 2012. De lá para cá foram várias experiências que me moldaram não apenas como profissional, mas também como pessoa. Durante esse caminho, mudei não apenas de universidade – a primeira, Universidade Gama Filho, faliu em 2014 – mas também de cidade. Além disso, conheci várias pessoas, entre alunos e profissionais, que me ajudaram de todas as maneiras possíveis.

Neste momento de conclusão de um ciclo, eu só tenho a agradecer. Aos meus pais, Maria Elieci e Luiz Carlos, pelo apoio durante toda a minha vida, por saber quando cobrar, mas também por ter me dado certa independência desde cedo, fazendo com que eu me obrigasse a tomar minhas próprias decisões – nem sempre da maneira certa.

Às amigas da universidade, Beatriz Carvalho, Ester Coelho, Fabricio Girão, Isabela Santana, Heloisa Vasconcelos, Lorena Fonseca, Karoline Tavares, Sâmia Martins e Suzana Mesquita, que seguraram na minha mão em um dos momentos mais estranhos da minha vida – a mudança para a Fortaleza – e me acompanharam durante toda essa jornada.

À Raiane Ribeiro, que não apenas foi a minha maior incentivadora durante esses quatro anos, mas também foi fundamental para o nascimento deste projeto. À Naiana Rodrigues, que teve que

aguentar todos os meus surtos durante o processo de construção deste trabalho, além de ter me acompanhando em muitas dessas aventuras pela cidade de Fortaleza.

À universidade pública que, apesar das dificuldades, batalha todos os dias para trazer oportunidades. Entre elas, não posso deixar de agradecer aos projetos de extensão que abriram as portas para mim. Ao Gruppe, que me deu o espaço necessário para explorar o meu maior amor no jornalismo, o audiovisual; Ao Cacco, projeto que vi nascer e que traz a extensão da forma mais pura possível; e, principalmente, a Liga Experimental de Comunicação, que foi mais do que uma escola para mim, por muitos momentos, foi uma família. E naquela sala prestes a cair, escrevi as últimas páginas desse trabalho.

Preciso agradecer também ao Sistema Verdes Mares, que me fez conhecer a vida real da profissão e me fez amar ainda mais o jornalismo.

Ao Robson Braga, orientador desse trabalho, que me adotou em um momento em que eu estava sem saber muito bem que caminho seguir e me colocou no trilho certo.

Por fim, esse trabalho é dedicado a todas as mulheres lésbicas da cidade e aos locais que me receberam com o maior carinho possível. Por favor, continuem batalhando para construir um espaço melhor para todas.

A G R A D E C I M E N T O S



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GRASIELLY SOUSA DE ARAÚJO

**CHEEI DE SAPATÃO:
IMAGENS DA SOCIABILIDADE LÉSBICA EM FORTALEZA
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO**

FORTALEZA - CE
2019

GRASIELLY SOUSA DE ARAÚJO
CHEEEI DE SAPATÃO: IMAGENS DA SOCIABILIDADE LÉSBICA EM FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

GRASIELLY SOUSA DE ARAÚJO
CHEEEI DE SAPATÃO: IMAGENS DA SOCIABILIDADE LÉSBICA EM FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Camila de Almeida Santos (membro)
Grupo de Comunicação O Povo

Prof. Ma. Dahiana Santos de Araújo (membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA
2019

AGRADECIMENTOS

Entrei no mundo do Jornalismo em 2012. De lá para cá foram várias experiências que me moldaram não apenas como profissional, mas também como pessoa. Durante esse caminho, mudei não apenas de universidade – a primeira, Universidade Gama Filho, no Rio, faliu em 2014 – mas também de cidade. Além disso, conheci várias pessoas, entre alunos e profissionais, que me ajudaram de todas as maneiras possíveis.

Neste momento de conclusão de um ciclo, eu só tenho a agradecer. Aos meus pais, Maria Elieci e Luiz Carlos, pelo apoio durante toda a minha vida, por saber quando cobrar, mas também por ter me dado certa independência desde cedo, fazendo com que eu me obrigasse a tomar minhas próprias decisões – nem sempre da maneira certa.

Às amigadas da universidade, Beatriz Carvalho, Ester Coelho, Fabricio Girão, Heloisa Vasconcelos, Isabela Santana, Karoline Tavares, Lorena Fonseca, Sâmia Martins e Suzana Mesquita, que seguraram na minha mão em um dos momentos mais estranhos da minha vida – a mudança para a Fortaleza – e me acompanharam durante toda essa jornada.

À Raiane Ribeiro, que não apenas foi a minha maior incentivadora durante esses quatro anos, mas também foi fundamental para o nascimento deste projeto. À Naiana Rodrigues, que teve que aguentar todos os meus surtos durante o processo de construção deste trabalho, além de ter me acompanhado em muitas dessas aventuras pela cidade de Fortaleza.

À universidade pública que, apesar das dificuldades, batalha todos os dias para trazer oportunidades. Entre elas, não posso deixar de agradecer aos projetos de extensão que abriram as portas para mim. Ao Gruppe, que me deu o espaço necessário para explorar o meu maior amor no Jornalismo, o audiovisual; ao Cacco, projeto que vi nascer e que traz a extensão da forma mais pura possível; e, principalmente, à Liga Experimental de Comunicação, que foi mais do que uma escola para mim, por muitos momentos, foi uma família. E naquela sala prestes a cair, escrevi as últimas páginas deste trabalho.

Preciso agradecer também ao Sistema Verdes Mares, que me fez conhecer a vida real da profissão e me fez amar ainda mais o jornalismo. Ao Robson Braga, orientador deste trabalho, que me adotou em um momento em que eu estava sem saber muito bem que caminho seguir e

me colocou no trilho certo.

Por fim, este trabalho é dedicado a todas as mulheres lésbicas da cidade e aos locais que me receberam com o maior carinho possível. Por favor, continuem batalhando para construir um espaço melhor para todas.

RESUMO

Este relatório técnico apresenta o processo de confecção do livro fotográfico “Cheeei de sapatão: imagens da sociabilidade lésbica em Fortaleza”. O livro se propõe a narrar, a partir da fotografia e de textos de apoio, a sociabilidade lésbica na cidade. O produto busca, ainda, mapear alguns desses espaços, que acabam por proporcionar maior liberdade e segurança a esse público marginalizado socialmente, além de refletir sobre a ligação dessas mulheres com a cidade em geral. Para tal, foram realizadas entrevistas jornalísticas e conversas informais com artistas lésbicas e frequentadoras de espaços lésbicos ou *gay friendly*. Com base nos dados coletados, foram selecionados sete lugares de sociabilidade para compor os cenários fotografados: Bolacha Mágica (Dionísio Torres), Cantinho Acadêmico (Benfica), Canto do Babado (Carlito Pamplona), Chá da Égua (Vila União), Damas de Paus (Vila Peri), Na Toca do Coelho (Benfica) e Varandão da Vila (Vila Peri). Além dos bares selecionados, um ensaio fotográfico foi realizado durante a Parada pela Diversidade de Fortaleza, em junho de 2019, a fim de fotografar mulheres lésbicas e coletar depoimentos sobre a relação delas com os espaços de sociabilidade de Fortaleza.

Palavras-chave: lésbicas; sociabilidade; fotojornalismo; LGBT; Fortaleza.

ABSTRACT

This technical report presents the process of confection of the photographic book titled "Cheeei de sapatão": images of lesbian sociability in Fortaleza." The books proposes to narrate, from photography and supporting texts, the lesbian sociability in the city. The product also aims to map some of these spaces, which end up providing bigger freedom and safe spaces to this socially marginalized group, as well as to reflect about the connection of these women with the city in general. For that, journalistic interviews and informal conversations were made with lesbian artists and lesbian/gay-friendly spaces frequenters. Based on collected data, seven sociability spaces were selected to compose the photographed sceneries: Bolacha mágica (Dionísio Torres), Cantinho Acadêmico (Benfica), Canto do Babado (Carlito Pamplona), Chá da Égua (Vila União), Damas de Paus (Vila Peri), Na Toca do Coelho (Benfica) and Varandão da Vila (vila Peri). Besides the selected bars, a photographic shoot was made during the LGBT Parade of Fortaleza, in June 2019, in order to photograph lesbian women and collect testimonies about their relationship with the sociability spaces of Fortaleza.

Keyword: lesbians; sociability; photojournalism; LGBT; Fortaleza.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4 METODOLOGIA	14
5 SUPORTE ADOTADO	17
6 ESTRUTURA DO PRODUTO	19
7 PROJETO GRÁFICO	21
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 INTRODUÇÃO

A sociabilidade lésbica em Fortaleza era algo desconhecido para mim antes desse trabalho. Morando há um pouco mais de quatro anos na cidade, pouco eu tinha explorado. Por isso, quando esse tema surgiu na minha cabeça, veio junto a inquietação de explorar essa ideia, principalmente pela minha falta de vivência na cidade.

O meu ciclo de amizades foi sempre predominantemente de pessoas heterossexuais, o que fez com que eu pouco explorasse lugares LGBT. Mesmo quando morava no Rio de Janeiro, cidade onde nasci e fui criada, minha experiência com esses lugares foi muito pequena.

Esse trabalho me permitiu não apenas conhecer esses ambientes, mas também ouvir histórias de pessoas que já estão vivendo aqui há muito mais tempo, que construíram esses locais e que abrem as portas para uma nova geração.

A sigla LGBT — que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros — faz referência à comunidade que não se identifica como cisgênero ou heterossexual. Variações são utilizadas, como LGBTI, incluindo pessoas intersexuais e LGBTQ, incluindo quem se identifica como *queer*. Durante este trabalho, foi utilizado o termo LGBT para se referir à comunidade como um todo.

A cada 19 horas, uma pessoa LGBT é assassinada em decorrência do ódio a esse grupo social no Brasil. Em 2018, no Ceará foram 23 assassinatos, de acordo com dados do Grupo Gay da Bahia¹. Esses são os casos mais extremos, mas todos os dias essa população passa por pequenos atritos, como uma piada homofóbica, pessoas julgando e criticando. No dia 5 de junho deste ano, cinco mulheres relataram ter sofrido uma tentativa de linchamento motivada por lesbofobia e racismo na Praia de Iracema, em Fortaleza, e infelizmente isso não é um caso isolado.

Segundo Vicente (2015):

Os homossexuais são afligidos constantemente por sentimentos de culpa que os levam a ocultarem-se, ter medo do desemprego, do ridículo, do afastamento ou mesmo do banimento por parte da família. O território apropriado por homossexuais se torna então o local onde as pressões do cotidiano são afastadas, onde o homossexual possui condições de assumir - mesmo que momentaneamente - sua própria sexualidade, buscando assim uma nova identidade social (VICENTE, 2015, p. 13).

Alguns pontos de Fortaleza são conhecidos por atrair o público LGBT, como a área do Centro Cultural Dragão do Mar, na Praia de Iracema, que possui boates voltadas para esse público. Porém, segundo a pesquisa de Nascimento (2015), as opções de lazer para LGBTs em Fortaleza são mais frequentemente ocupadas por homens gays do que por outros grupos LGBTs, a exemplo das mulheres lésbicas.

Os lugares voltados ao público lésbico são menos divulgados e ainda mais fechados em si mesmo. Mulheres lésbicas ouvidas durante esta pesquisa citaram, como lugares específicos de sociabilidade, duas principais áreas da cidade: a região do Dragão do Mar e o bairro Benfica, conhecido por ser um local com grande presença de universitários e bares. Contudo, essas duas áreas não são lugares voltados especificamente ao público lésbico. Alguns desses pontos são classificados como *gay friendly*.

O site LGBT.com.br explica que o termo *gay friendly* “é utilizado para se referir a lugares públicos ou privados que são abertos e receptivos ao público gay, ou seja, a membros da comunidade LGBT”.

A partir desses espaços criados no território da cidade de Fortaleza, mesmo os que não são necessariamente voltados ao público lésbico, é possível analisar a sociabilidade das mulheres que frequentam esses lugares, assim como também entender os motivos que as levam a ir para esses lugares e o que esses ambientes oferecem para essas pessoas.

O dicionário Michaelis define sociabilidade como “qualidade do que é sociável”, “tendência natural para não viver isolado, mas sim em companhia de outros; socialidade; Observância às formalidades e regras de comportamento adotadas pelos membros de uma coletividade; civilidade, urbanidade”.

O termo sociabilidade foi criado no campo da sociologia por Georg Simmel que se questionava sobre "como a sociedade é possível". A partir dos estudos de Simmel, Frugoli Jr. (2007) afirma:

Segundo Simmel, o status nascendi da sociedade residiria nos processos de interação microsociológicos através dos quais se constituem associações, não bastando apenas interagir (através de condicionamentos recíprocos), pois é preciso ainda que os indivíduos em interação "uns com, para e contra os outros" formem, de alguma maneira, uma "unidade", uma "sociedade" e estejam conscientes disso (FRUGOLI JR, 2007, p. 09).

A partir dessa ideia, e da vivência na cidade, surgiu a ideia de abordar esses lugares com foco na sociabilidade lésbica na cidade de Fortaleza, tentando acompanhar para onde esse grupo costuma sair e os motivos de optar por esses lugares.

Assim nasce “Cheeei de Sapatão: Imagens da sociabilidade lésbica em Fortaleza”, um livro fotográfico que se propõe a narrar a sociabilidade lésbica na cidade, a partir da fotografia e com utilização de textos de apoio. O livro busca, ainda, mapear alguns desses espaços, que proporcionam maior liberdade e segurança a esse público marginalizado socialmente, além de refletir sobre a ligação dessas mulheres com a cidade em geral.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho se propôs a confeccionar um livro fotográfico que mapeia e explora alguns dos espaços de sociabilidade da população lésbica em Fortaleza.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Retratar as mulheres lésbicas de Fortaleza de uma forma humanizada, assim como as relações e os laços entre elas;
- Apresentar locais que têm grande presença do público lésbico, além apresentar um histórico de locais antigos;
- Apresentar bandas e cantoras que têm como base de fãs mulheres lésbicas, buscando compreender a relação entre as artistas e suas seguidoras;
- Explorar a relação desse grupo com a cidade em geral;
- Refletir sobre problemas como homofobia e possível opressão a esse grupo em Fortaleza.

3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho parte da percepção de que ainda vivemos em uma sociedade que discrimina e exclui pessoas simplesmente por causa de orientação sexual, identidade de gênero, cor da pele, religião, entre outros fatores.

Segundo um levantamento do Grupo Gay da Bahia, em 2017, o Ceará foi o quarto estado em que mais se matou LGBTQ+ no Brasil, totalizando 30 mortes, incluindo o caso de Dandara dos Santos¹. Em 2018, o número caiu, mas continua sendo um caso alarmante.

Durante todo o processo de produção deste trabalho, foi questionado para as entrevistadas se elas já tinham sofrido algum caso de homofobia. Todas tinham algum relato sobre o tema, mesmo que não tivesse acontecido diretamente com ela. Em alguns casos, esse era um dos fatores para que a entrevistada limitasse os lugares que costumava frequentar.

Outro fator que confere ainda mais relevância a esta pesquisa é a percepção de que, apesar do crescimento dos trabalhos acadêmicos e jornalísticos sobre a temática LGBTQ — no próprio curso de Jornalismo da UFC, há cada vez mais trabalhos envolvendo a temática —, na maioria das vezes esses trabalhos têm como foco o universo do homem gay.

Apesar do tema da homossexualidade ter encontrado espaço no meio acadêmico brasileiro durante as últimas décadas, o foco da atenção produzida por pesquisadores situa-se predominantemente relativo à questão masculina. O mesmo espaço de construção de problematizações sobre a homossexualidade feminina na história é, ainda no século XXI, lacunar (OLIVEIRA, 2015, p. 02).

Trabalhos voltados para mulheres lésbicas ainda são raros de se encontrar. E isso faz com que seja difícil até de achar referências para a produção de novos trabalhos.

¹ Em 15 de fevereiro de 2017, a travesti Dandara Kettley foi espancada e executada a tiros no bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza. As imagens do espancamento foram amplamente divulgadas nas redes sociais, conferindo grande visibilidade midiática ao caso.

4 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, o primeiro passo realizado foi um mapeamento dos lugares de sociabilidade lésbica na cidade de Fortaleza. A ideia era, além de saber que lugares de sociabilidade essas mulheres costumam frequentar, descobrir se existem, na cidade, locais que têm como alvo esse público específico.

Inicialmente, realizei pesquisa exploratória com o objetivo mapear lugares e encontrar mulheres para apresentar seus relatos de experiência e ajudar no mapeamento dos espaços. Essa etapa da pesquisa foi composta por três procedimentos metodológicos: 1) por meio de “amostragem em bola de neve”², acessei amigas lésbicas e amigas de minhas amigas; 2) enquete no grupo “Alguém conhece alguém”, no Facebook, para identificar lugares de sociabilidade lésbica em Fortaleza e também mulheres para futuras entrevistas, por meio da qual obtive 15 respostas; 3) visitas exploratórias aos lugares mapeados, para conhecê-los, conversar com frequentadoras e donas dos estabelecimentos, fazer contatos para futuras entrevistas e identificar mais lugares, ainda sem captação de imagens para o ensaio fotográfico. No total, foram realizadas 6 entrevistas jornalísticas (CAPUTO, 2010) e 19 mulheres com quem conversei mais informalmente.

A partir dessa pesquisa exploratória, foram localizados 16 espaços frequentados por mulheres lésbicas: Varandão da Vila, Canto do Babado, Damas de Paus, Cantinho Acadêmico, Bolacha Mágica, Barraca do Joca, Teresa e Jorge, Quintal do Céu, Barraca Cabumba, Astrologic Club Lounge, Mambembe, Favas Bar, Serpentina Bar e Cultura, Boteco Vintage, Órbita e Level.

O próximo passo foi visitar os lugares e entrar em contato com os donos dos locais. Entre esses lugares, todos foram visitados durante o processo de pré-produção deste trabalho, com exceção dos que eu já conhecia e que julgava não ser o perfil deste projeto. Um dos locais citados, o Quintal do Céu, se encaixava no perfil procurado, mas acabou não entrando no trabalho final. Apesar de ter conseguido falar com as donas, elas não realizaram nenhuma festa

² “O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados” (VINUTO, 2014, p. 203).

durante o período de produção, o que impediu a visita ao local.

Apesar de ter conseguido conversar com várias mulheres, foi muito difícil conseguir fazer com que elas quisessem aparecer no livro. A maioria aceitou responder perguntas, mas não aceitou ser fotografada.

Isso atrapalhou por um tempo a continuidade do trabalho, pela falta de personagens. Com o tempo, percebi que era necessário continuar mesmo assim, e foi quando iniciei uma nova rodada de visitas aos locais, já com a câmera fotográfica no pescoço para começar a registrar essas imagens e, novamente, conversar e conhecer essas mulheres. Por isso, muitas das fotos são mais gerais, com imagens desfocadas e sem personagens específicas.

Para a composição deste trabalho, foi realizada uma pesquisa etnográfica (MATTOS, 2011), que exigiu da pesquisadora uma imersão nos espaços e interação com o grupo social observado, a fim de ter uma imersão profunda no campo de estudo e entender a cultura daquele grupo. O método busca:

Introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p. 49).

Foram realizadas pré-entrevistas com as donas dos locais, para descobrir mais sobre a história do local e confirmar a presença das mulheres lésbicas. A partir desses dois fatores, foram selecionados os bares que seriam fotografados. Além dos locais selecionados principalmente pela presença de mulheres lésbicas, dois lugares foram fotografados por outros fatores. O primeiro seria o Cantinho Acadêmico, no bairro Benfica, que foi escolhido por, além de ter sido citado durante o mapeamento, ser um espaço que mobiliza mulheres por conta de atrações musicais esporádicas. Já o segundo foi o Chá da Égua, que foi visitado durante uma saída com um dos personagens do livro, que é o grupo “As Novinhas” (composto por seis mulheres lésbicas, sendo três casais). A opção por incluir fotos do Cantinho Acadêmico, tido como “*friendly*”, e do Chá da Égua, tido como “*hétero*”, foi de mostrar que a sociabilidade lésbica pode ir além de lugares considerados exclusiva ou essencialmente lésbicos.

Desse modo, o livro fotográfico apresenta imagens de sete lugares de sociabilidade:

Bolacha Mágica (Dionísio Torres), Cantinho Acadêmico (Benfica), Canto do Babado (Carlito Pamplona), Chá da Égua (Vila União), Damas de Paus (Vila Peri), Na Toca do Coelho (Benfica) e Varandão da Vila (Vila Peri), além do ensaio fotográfico final (terceiro capítulo) realizado durante a 20ª Parada da Diversidade Sexual do Ceará, em Fortaleza.

A ideia de acompanhar atrações musicais em suas apresentações surgiu durante o processo de pré-produção. Ao começar a mapear os lugares, foi visível que a maioria dos lugares possui música ao vivo. Aos poucos, percebi que existiam cantoras que eram recorrentes nesses lugares. Após uma pesquisa mais aprofundada, foi possível perceber que em alguns casos as cantoras e bandas atraíam o público lésbico. A partir disso, comecei a entrar em contato com esses grupos para compreender esse processo e a relação que as artistas estabelecem com esse público. Conseguimos identificar cinco artistas que costumam atrair o público lésbico: Lidiane Vaz, Beth Rodrigues, Micaela Gomes, banda Borogodó, Banda Meninas da Vila. Desses artistas, apenas a Micaela não entrou no trabalho final, por dificuldades no contato com a cantora.

Já para o último capítulo do livro, foi pensado a ideia de trabalhar a relação dessas mulheres com a cidade. Inicialmente, o objetivo do capítulo era apresentar um ensaio fotográfico com algumas mulheres lésbicas em lugares diversos de Fortaleza. Porém isso acabou não ocorrendo devido à dificuldade de encontrar mulheres dispostas a se exporem e o desencontro de horários com as poucas que aceitaram participar.

A partir desse problema, uma solução encontrada para compor o capítulo foi realizar o ensaio fotográfico com mulheres lésbicas durante a 20ª Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, realizada na Avenida Beira Mar, em Fortaleza, em 30 de junho de 2019. As mulheres foram fotografadas e entrevistadas sobre suas práticas de sociabilidade na capital cearense.

O trabalho foi essencialmente desenvolvido a partir dessa pesquisa de campo, realizada durante os meses de maio e junho de 2019. A partir disso, grande parte do processo do trabalho precisava ser reservado para os finais de semana, quando os lugares costumam funcionar com maior movimento. Isso fez com que esse processo se prolongasse mais, por conta da quantidade limitada de dias da semana disponíveis para a pesquisa de campo.

5 SUPORTE ADOTADO

O suporte adotado para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi o livro fotográfico, cuja narrativa é conformada a partir da imagem e de textos complementares, que ajudam na contextualização.

Segundo Rocha e Xavier (2013):

Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certos nuances literários. (ROCHA&XAVIER, 2013, p. 144).

Segundo Oliveira (2017), existem seis tipos de livro-reportagem. O utilizado neste trabalho é o fotográfico, que é classificado como “um livro-reportagem com a narrativa construída com base na fotografia”.

As fotos foram tiradas com a minha câmera pessoal, Canon Rebel T6, utilizando a lente padrão 18-55 mm. Realizei as visitas com recursos próprios, ora de Uber, ora de transporte coletivo. Além da câmera fotográfica, utilizei o gravador de voz do celular para gravar as entrevistas.

O formato permite criar a narrativa através das imagens, que transmitem ao leitor a história por trás do tema. Além disso, existe o suporte do texto para ajudar a contextualizar, trazendo informações além da narrativa estabelecida pelas imagens.

A escolha pelo formato foi pela minha aproximação com a fotografia. Por anos utilizei a fotografia apenas como uma diversão, porém, durante o curso de Jornalismo, principalmente nos últimos semestres, comecei a investir mais nessa área. Por isso, vi esse projeto como um desafio, principalmente para tentar entender melhor sobre esta área em que eu estava procurando adentrar.

Para realizar uma fotografia, é necessário estudar e observar o local e objeto fotografado. Para isso, é necessário esperar e testar para saber exatamente como conseguir uma foto ideal.

Para Sebastião Salgado (2014), para fotografar:

é preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer. Pois algo vai acontecer, necessariamente. Na maioria dos casos, não há como acelerar os fatos. É preciso descobrir o prazer da paciência (SALGADO, 2014, p. 10).

A fotografia tem valor documental, retratando uma realidade e apresentando-a para a interpretação do receptor. O fotojornalismo surge como uma vertente do jornalismo que procura transmitir a informação por meio da imagem.

O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual (SOUSA, 2002, p. 05).

A fotografia no jornalismo vem como uma forma de levar a informação de uma forma mais direta e que consegue atingir uma parcela maior e diferenciada da população. A forma como a fotografia interage com o espectador daquela informação é mais direta e objetiva. Esse pensamento precisa ser algo inerente na cabeça do fotógrafo, principalmente na hora de realizar o ato de fotografar.

8 ESTRUTURA DO PRODUTO

O título do livro é uma referência ao áudio³ da personagem Danúbia Pinheiro, que viralizou na internet em 2016. No áudio, ela faz propaganda do Varandão da Vila para a amiga Mariana, tentando convencê-la a ir até o local. Uma das frases marcantes é quando Danúbia caracteriza o local como sendo “Cheeei de Sapatão”. Outras frases do áudio foram utilizadas para dar título aos três capítulos.

A ideia de trazer este título foi justamente pela importância do áudio para popularizar o Varandão da Vila, que é atualmente um dos principais locais de sociabilidade lésbica em Fortaleza. Além disso, o termo “Cheeei de Sapatão” reflete a ideia central do trabalho.

O livro “Cheei de Sapatão” é dividido em três capítulos:

1. **Vem, Mariana!** - Essa unidade traz o desdobramento central do trabalho: sociabilidade lésbica na cidade de Fortaleza. O capítulo é focado nas mulheres lésbicas e a narrativa é construída a partir dos relatos e de pesquisa etnográfica. O foco das fotos são as interações dessas mulheres e a movimentação social desse grupo.
2. **Piscina no Meio** - Com o reconhecimento dos lugares, foi feita uma visitação aos locais expostos por elas. A partir disso, surgiu a ideia de dedicar uma unidade apenas para explorar esses ambientes. A unidade também foi utilizada para falar sobre as cantoras e bandas que têm um grande público lésbico fiel, colaborando com a consolidação de pontos de sociabilidade destinados a essas mulheres. As fotografias retratam as práticas nesses locais, incluindo imagens dos shows.
3. **Naquela época que a gente andava** - Essa unidade tem como especificação o tratamento dado pela cidade para as mulheres lésbicas. A ideia aqui era refletir sobre a relação dessas mulheres com a cidade, verificando se a cidade apresenta-se como amigável para elas, se

³ Em: https://www.youtube.com/watch?v=BWbPWv_qTfQ (acesso em: 15/05/2019).

elas se sentem à vontade e o que poderia ser feito para melhorar essa relação. Para ilustrar este capítulo, a decisão foi elaborar um ensaio fotográfico na Parada pela Diversidade Sexual de Fortaleza, que felizmente foi realizada durante o período de produção deste trabalho. O evento foi escolhido por sua ligação com o tema, por ser um momento de ligação da comunidade LGBT com a cidade.

Para este trabalho, 1639 imagens foram feitas em sete locais diferentes: Bolacha Mágica (Dionísio Torres), Cantinho Acadêmico (Benfica), Canto do Babado (Carlito Pamplona), Chá da Água (Vila União), Damas de Paus (Vila Peri), Na Toca do Coelho (Benfica) e Varandão da Vila (Vila Peri). Além dessas fotografias, foram feitas imagens para compor um ensaio com mulheres lésbicas durante a Parada da Diversidade Sexual da cidade de Fortaleza, que aconteceu na Av. Beira-Mar.

Foi realizada uma curadoria dessas fotos para selecioná-las e encaixá-las nas unidades do livro. A partir disso, elas foram posicionadas de forma a conseguir contar a história proposta. Todas as fotos foram tiradas por mim no período entre março e junho de 2019.

9 PROJETO GRÁFICO

Para o projeto gráfico do livro, foi pensado em algo simples, intercalando entre o branco e o preto, utilizando as cores apenas nas fotografias, dando destaque principalmente às imagens, que são o ponto principal do trabalho.

No design gráfico, o branco do papel e o negro da tinta de impressão representam as duas forças mais opostas da feitura do design. Quando uma imagem escura é justaposta a uma imagem de tons claros, o contraste valoriza ambas as imagens e dá um impacto visual ao design. Na página impressa, o contraste de valor assume muitas formas: é a relação do negrito e a linha branca na composição; a imagem negativa ou reversa jogada contra a imagem positiva; a imagem de um escuro intenso colocada no espaço branco (HURLBURT, 2002, p. 64).

A partir disso, foi pensado na diagramação de uma forma que fosse possível abrir espaços limpos e que não causasse nenhum tipo de interferência na atenção que as fotografias devem receber.

As dimensões do livro são 21cm de largura por 21cm de altura. A ideia foi trazer um tamanho compacto, que pudesse ser facilmente carregado para qualquer lugar. Além disso, o formato quadrado ajuda a valorizar tanto fotos na horizontal quanto na vertical, facilitando na hora de posicionar as fotografias escolhidas e que não deixasse nenhuma com menos destaque.

As páginas têm margem superior e inferior de 18 mm, interna de 15 mm e externa de 22 mm. As margens são utilizadas principalmente para limitar o texto e criar linhas de espaços para as fotografias. Porém em muitas páginas que contêm fotos, essas margens não são respeitadas, a fim de valorizar o tamanho da foto, ocupando um maior espaço na página.

São utilizadas três tipografias e suas famílias tipográficas em todo o livro: a Trajan Pro, que é utilizada nos títulos e intertítulos; a Minion Pro, que é utilizada nos blocos de texto corrido (por ser uma fonte serifada, ela é recomendada para esse tipo de utilização, já que facilita na leitura); e, por fim, a Good Brush, que é utilizada em detalhes como a numeração do sumário.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível descobrir uma nova realidade da sociabilidade lésbica em Fortaleza, que até então era desconhecida por mim. A busca por esses lugares, as histórias dessas mulheres, me fez ver como, apesar das dificuldades, ainda é possível construir algo positivo e conseguir abrir portas para outras mulheres.

Os espaços nem sempre são voltados para o público lésbico. Na realidade, poucos são de fato. Essa escassez também é um fator a ser questionado. Mas, mesmo em outros ambientes, é possível analisar esta relação e os laços entre as mulheres lésbicas.

Um outro fator importante que surgiu no meio da produção do trabalho e que teve bastante importância para a conclusão dele foi perceber que um dos elementos principais de sociabilidade lésbica na cidade é a música. As atrações musicais, que em geral são também lésbicas, acabam atraindo um público fiel, independentemente do local.

Uma geração mais antiga, como Beth Rodrigues, que é um marco de grande importância para a comunidade; além de meninas mais novas, como as que compõem as bandas Meninas da Vila e Borogodó, que reforçam a importância desse movimento, principalmente por estimular a ocupação de novos espaços.

Contudo, esse nicho ainda sofre não apenas por conta do preconceito constante, mas também pela falta de visibilidade. Em Fortaleza, assim como em outras cidades do País, as mulheres lésbicas ainda possuem menor visibilidade do que os homens gays. Os lugares que as têm como público-alvo são deslocados para a periferia e não costumam atingir um público mais diverso.

Mas, apesar de uma cena pequena e sem grande visibilidade, a comunidade lésbica criou ambientes que já têm uma grande história e importância para as mulheres da cidade. Durante a produção deste trabalho, conheci histórias, lugares e pessoas que estão construindo uma sociedade mais amigável.

Essa falta de visibilidade também é perceptível dentro da academia. Apesar da crescente

visibilidade de temas relacionados à comunidade LGBT em trabalhos acadêmicos, como também é visto no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, a homossexualidade feminina ainda é algo pouco destacado. Apesar das pequenas vitórias, ainda é necessário lutar e resistir para que seja possível conquistar novos espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevista: Teoria prática e experiências.** Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- FRUGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade Urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007
- GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad.** Grupo Editorial Norma, 2001.
- HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa.** São Paulo: Nobel, 2002.
- MATTOS, C.L.G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.
- NASCIMENTO, Fernand Rilna Fonteles. **A oferta de lazer para o segmento do mercado LGBT na cidade de Fortaleza.** Fortaleza, 2015.
- OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: o esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.** Lisboa: Les Online, 2015.
- OLIVEIRA, Israel Dias de. **Elementos do livro-reportagem: do projeto experimental ao mercado editorial.** São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017
- ROCHA, Paula Melani & XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, volume 7, 2013.
- SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra.** São Paulo: Paralela, 2014.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, 2002.
- VICENTE, Tiago Augusto Silva. **Espaço urbano e sexualidade: A territorialização da população LGBT no Largo do Arouche e na rua Frei Caneca.** São Paulo, 2015.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *In: Temáticas*, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

